

Aula 1: 14 de março

O dístico elegíaco

O dístico elegíaco na verdade não é um tipo de verso, mas uma estrofe de dois versos formada de hexâmetro e pentâmetro datílicos. “Dístico” significa “duas linhas”, “dois versos”.

O hexâmetro datílico contém seis dátilos. O dátilo é o metro formado por uma sílaba longa seguida de duas breves e é convencionalmente assim simbolizado: — ∪ ∪. O mácron (—) simboliza a sílaba longa, e a bráquia (∪), a sílaba breve. A sílaba longa tem aproximadamente o dobro do tempo da sílaba breve.

Por isso, as duas sílabas breves do dátilo podem, *em algumas posições*, ser substituídas por outra longa: — —. O metro formado por duas longas chama-se espondeu. Assim, o esquema do hexâmetro, contemplando as possíveis substituições, é o seguinte:

1 2 3 4 5 6
— ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — ∪¹

Muito raramente as duas breves são substituídas por espondeu na quinta posição. Quando isso ocorre o hexâmetro é chamado “espondaico”.

O “pentâmetro” é de fato um hexâmetro duplamente cataléctico, isto é, dois dátilos perdem elementos. O esquema é o seguinte:

1 2 3 4 5 6
— ∪ ∪ | — ∪ ∪ | — | | — ∪ ∪ | — ∪ ∪ | ∪

O dátilo da terceira posição e o dátilo da sexta posição perderam as duas sílabas breves. Se considerarmos que estas posições carentes têm apenas *metade de um dátilo* e se somarmos todos dátilos do verso, teremos a seguinte conta 1 + 1 + 0,5 + 1 + 1 + 0,5 (quatro dátilos inteiros e duas metades de dátilo), cujo total é 5. Por isso, o verso é desde a Antiguidade chamado “pentâmetro”.

“Escandir” um verso ou fazer-lhe a “escansão” é determinar que sílabas são longas e que sílabas são breves. Faça-se a escansão do seguinte dístico de Ovídio:

Stat vetus et multos incaedua silva per annos;

Credibile est illi numen inesse loco.

(Ov. *Am.* 3, 1, 1-2).

O dístico elegíaco é uma variação do hexâmetro datílico

Arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris

Italiam, fato profugus, Laviniaque venit

¹ Sílaba ancípite (“indiferente”), porque pode ser longa ou breve.

litora, multum ille et terris iactatus et alto
vi superum saevae memorem Iunonis ob iram;

Exercícios:

1) Fazer a escansão do seguinte excerto da elegia 1 do livro 3 de Propércio:

Callimachi Manes et Coi sacra Philitae,
in vestrum, quaeso, me sinite ire nemus.
Primus ego ingredior puro de fonte sacerdos
Itala per Graias orgia ferre choros.
Dicite, qua pariter carmen tenuastis in antro
quove pede ingressi? Quamve bibistis aquam?
Ah valeat, Phoebum quicumque moratur in armis!
Exactus tenui pumice versus eat,
quo me Fama levat terra sublimis, et a me
nata coronatis Musa triumphat equis,
et mecum in curru parvi vectantur Amores
scriptorumque meas turba secuta rotas.
Quid frustra missis in me certatis habenis?
non datur ad Musas currere lata via.

[...].

(Propércio, *Elegias* 3, 1,1-14)

2) Ler a tradução da mesma elegia e identificar que metros o tradutor usa *em português*.

PROPÉRCIO, *Elegias* 3, 1

(Tradução de Guilherme Gontijo Flores; Belo Horizonte, Editora Crisálida, 201):

Ó Calimáqueos Manes, cultos de Filetas,
peço, deixai-me entrar em vosso bosque.
Primeiro sacerdote, eu vim da fonte pura
levando à dança Grega orgias Ítalas.
Em que gruta afinastes juntos vosso canto?
Com que pé vós entraís? Bebeis de que água?
Adeus a quem retém o nosso Febo em armas!
Quero polir meu verso em pedra-pomes;
nele a Fama me leva aos céus, e minha Musa
triumfa, sobre os seus corcéis floridos;
vêm comigo num carro pequenos Amores,

5

10

Callimachi Manes et Coi sacra Philitae,
in uestrum, quaeso, me sinite ire nemus.
Primus ego ingredior puro de fonte sacerdos
Itala per Graios orgia ferre choros.
Dicite, quo pariter carmen tenuastis in antro?
Quouue pede ingressi? Quamue bibistis aquam?
A ualeat, Phoebum quicumque moratur in armis!
Exactus tenui pumice uersus eat,
quo me Fama leuat terra sublimis, et a me
nata coronatis Musa triumphat equis,
et mecum in curru parui uectantur Amores,

e um bando de escritores segue as rodas. Por que sem rédeas competis comigo, em vão? Por larga estrada não se chega às Musas. Muitos, Roma, porão teus feitos nos Anais e predirão os teus confins em Bactros. Mas, pra leres em paz, do monte das Irmãs, por via intacta, veio minha página. Dai ao poeta doces grinaldas, Pegásides: dura coroa não me serve à testa. Mas, se a turba invejosa me roubar em vida, Honra me paga, após a Morte, os juros; após a Morte, o tempo torna tudo enorme: depois do enterro, o nome enche a boca. Pois quem conheceria o cavalo de abeto, rios que lutam com herói Hemônio, Simoente ideu, berço do pequeno Júpiter, e Heitor manchando as rodas por três vezes? Polidamante, Heleno, Deífobo e Páris, nem sua terra os reconheceria. Hoje darias pouco assunto, Ílion, e tu, Tróia, ao deus do Eta entregue duas vezes. Mesmo o famoso Homero, que cantou-te a queda, sentiu crescer-lhe a obra com os anos. E Roma há de louvar-me entre os netos tardios: auguro às minhas cinzas este dia. Que pedra alguma indique a cova desprezível; o deus Lício prevê e aprova os votos.	15	scriptorumque meas turba secuta rotas. Quid frustra missis mecum certatis habenis? Non datur ad Musas currere lata uia. Multi, Roma, tuas laudes annalibus addent, qui finem imperii Bactra futura canent. Sed, quod pace legas, opus hoc de monte Sororum detulit intacta pagina nostra uia. Mollia, Pegasides, date uestro certa poetae: non faciet capiti dura corona meo. At mihi quod uiuo detraxerit inuida turba, post obitum duplici faenore reddet Honos; omnia post obitum fingit maiora uetustas: maius ab exsequiis nomen in ora uenit. 25 Nam quis equo pulsas abiegnos nosceret arces, fluminaque Haemonio comminus isse uiro, Idaeum Simoenta Iouis cunabula parui, Hectora per campos ter maculasse rotas? Deiphobumque Helenumque et Polydamanta in armis 30 qualemcumque Parim uix sua nosset humus. Exiguo sermone fores nunc, Ilium, et tu Troia bis Oetaei numine capta dei. Nec non ille tui casus memorator Homerus posteritate suum crescere sensit opus. 35 Meque inter seros laudabit Roma nepotes: illum post cineres auguror ipse diem. Ne mea contempto lapis indicet ossa sepulcro prouisum est Lycio uota probante deo.
---	----	--

Algumas fontes antigas

Pausânias*, 10, 7, 6 sobre o certame aulódico de 586 a.C. (cf. comentário de West):

Ἐχέμβροτος Ἀρκὰς θῆκε τῷ Ἡρακλεῖ
νικήσας τόδ' ἄγαλμ' Ἀμφικτυόνων ἐν ἀέθλοις,
Ἔλλησι δ' αἰείδων μέλεα καὶ ἑλέγους.

Equêmbroto da Arcádia dedicou a Hércules
este dádiva quando venceu nos jogos dos Anfictiões
cantando aos gregos canções e lamentos.

Suda, 774*:

Ἔλεγος: θρήνος. ἀπὸ τοῦ ἔ λέγειν. ἢ οἱ πρὸς αὐλὸν ἀδόμενοι
θρήνοι· τὸν γὰρ αὐλὸν πένθιμον ὑπελήφθη. ἢ ὅτι πρὸς
αὐλὸν ἦδοντο οἱ θρήνοι, τουτέστιν οἱ ἑλέγοι.

Elegos: lamento; a palavra provém de “falar” [*légein*]
“ê!”, “é!”. Ao som do aulo cantam-se lamentos, pois,
supõe-se, trata-se de oboé lúgubre. Ou porque ao som
do aulo se cantavam lamentos, isto é, as elegias.

Órion de Tebas*, *Etymologicum*:

Ἔλεγος: ὁ θρήνος. διὰ τὸ δι' αὐτοῦ τοῦ θρήνου εὖ λέγειν τοὺς
κατοικουμένους. εὐρετὴ δὲ τοῦ ἐλεγείου. οἱ μὲν τὸν
Ἀρχίλοχον, οἱ δὲ Μίμνερμον, οἱ δὲ Καλλῖνον παλαιότερον.
ὅθεν πεντάμετρον τῷ ἠρωϊκῷ συνήπτον· οὐχ
ὁμοδραμοῦντα τῇ τοῦ προτέρου δυνάμει· ἀλλ' οἷον
συνεκπνέοντα, καὶ συσβεννύμενον ταῖς τοῦ τελευτήσαντος
τύχαις. οἱ δὲ ὕστερον πρὸς ἅπαντας διαφόρως. οὕτω
Δίδυμος ἐν τῷ περὶ Ποιητῶν.

Elegos: lamento; porque se elogiavam por meio do
próprio treno os mortos. O inventor do metro elegíaco
uns dizem ter sido Arquíloco, outros Mímmerno,
outros, mais antigamente, Calino, a partir de quem o
pentâmetro vem unido ao verso heróico: não se
mantém na corrida com a força do primeiro, mas tem
fôlego próprio à condição dos finados, consumindo-se
junto com eles. Outros, mais tarde, de modo diverso
crêm que isso ocorre em relação a todos, como
Dídimo, no livro *Sobre os poetas*.

Fócio*, *Biblioteca*, 239, 319, b5–b14:

Τὴν δὲ ἐλεγίαν συγκεῖσθαι μὲν ἐξ ἠρώου καὶ πενταμέτρου στίχου, ἀρμόζειν δὲ τοῖς κατοικομένοις. Ὅθεν καὶ τοῦ ὀνόματος ἔτυχε· τὸ γὰρ θρήνος ἔλεγον ἐκάλουν οἱ παλαιοὶ καὶ τοὺς τετελευτηκότας δι' αὐτοῦ εὐλόγουν. Οἱ μὲντοι γε μεταγενέστεροι ἐλεγεία πρὸς διαφόρους ὑποθέσεις ἀπεχρήσαντο. Λέγει δὲ καὶ ἀριστεύσαι τῷ μέτρῳ Καλλίνον τε τὸν Ἐφέσιον καὶ Μίμνερμον τὸν Κολοφώνιον, ἀλλὰ καὶ τὸν τοῦ Τηλέφου Φιλίταν τὸν Κῶον καὶ Καλλιμάχον τὸν Βάττου· Κυρηναῖος οὗτος δ' ἦν.

Aristóteles, *Constituição de Atenas*, 5, 2:

ἰσχυρὰς δὲ τῆς στάσεως οὔσης καὶ πολὺν χρόνον ἀντικαθημένων ἀλλήλοις, εἶλοντο κοινῇ διαλλακτὴν καὶ ἄρχοντα Σόλωνα, καὶ τὴν πολιτείαν ἐπέτρεψαν αὐτῷ, ποιήσαντι τὴν ἐλεγίαν ἧς ἐστὶν ἀρχή·

γινώσκω, καὶ μοι φρενὸς ἔνδοθεν ἄλγεα κεῖται,
πρεσβυτάτην ἔσορων γαίαν Ἰαονίας κλινομένην·

Diomedes* (Keil 484, 17- 485, 17):

Elegia est carmen compositum hexametro versu pentametroque alternis in vice positis, ut

divitias alius fulvo sibi conserat auro
et teneat culti ingera multa soli.

quod genus carminis praecipue scripserunt apud Romanos Propertius et Tibullus et Gallus imitati Graecos Callimachum et Euphoriona. Elegia autem dicta sive παρά τὸ εὐ λέγειν τοὺς τεθνεώντας (fere enim defunctorum laudes hoc carmine comprehendebantur), sive ἀπὸ τοῦ ἐλέου id est miseratione, quod θρήνους Graeci vel ἐλεεία isto metro scriptitaverunt. Cui opinioni consentire videtur Horatius cum ad Albium Tibullum elegiarum auctorem scribens ab eam quam diximus miseratione elegos miserabiles dicit hoc modo

neu miserabiles decantes elegos.

Aristóteles, *Poética* 1447b

οὐδὲν γὰρ ἂν ἔχοιμεν ὀνομάσαι κοινὸν τοὺς Σώφρονος καὶ Ξενάρχου μίμους καὶ τοὺς Σωκρατικούς λόγους οὐδὲ εἴ τις διὰ τριμέτρων ἢ ἐλεγείων ἢ τῶν ἄλλων τινῶν τῶν τοιούτων ποιῶτο τὴν μίμησιν. πλὴν οἱ ἄνθρωποι γε συνάπτοντες τῷ μέτρῳ τὸ ποιεῖν ἐλεγειοποιούς τοὺς δὲ ἐποποιούς ὀνομάζουσιν, οὐχ ὡς κατὰ τὴν μίμησιν ποιητὰς ἀλλὰ κοινῇ κατὰ τὸ μέτρον προσαγορεύοντες·

Diz Proclo que a elegia é formada de um verso heróico e um pentâmetro e que convém aos mortos. Daí decorre ter esse nome, pois os antigos chamavam *elegos* ao treno e por meio dele elogiavam os mortos. Os autores posteriores, porém, (ab)usaram dela para diferentes temas. Diz que exceliram neste metro Calino de Éfeso e Mímmerno de Cólofon, mas também o filho de Télefo, Filetas de Cós, e Calímaco, filho de Bato; este era de Cirene.

Com o acirramento do conflito, e como se enfrentassem havia longo tempo, elegeram em comum Sólon como mediador e arconte, confiando-lhe o governo após ele ter composto aquela elegia cujo começo é:

Reconheço, e as dores tomam-me findo o peito, quando
olho para a antiquíssima terra da jônia assassinada.

Tradução de Francisco Murari Pires

Elegia é o poema composto por um verso hexâmetro e um pentâmetro alternados sucessivamente, como

diuitias alius fuluo sibi conserat auro
et teneat culti jugera multa soli

gênero de poema que, entre os romanos, escreveram Propércio, Tibulo, Galo, imitando os gregos Calímaco e Euforíão. Elegia é assim chamada quer παρά τὸ εὐ λέγειν τοὺς τεθνεώντας [por causa do elogio aos mortos] (pois quase todos os louvores aos finados estão incluídos neste tipo de poema), quer ἀπὸ τοῦ ἐλέου, isto é, a partir do lamento, pois os gregos escreveram θρήνους [“trenos”] e ἐλεεία² [“compaixões”] neste metro. Com esta opinião parece concordar Horácio quando, escrevendo a Albio Tibulo, autor de elegias, a propósito desse lamento que mencionamos, diz assim: *neu miserabiles decantes elegos* [“e não cantes elegias cheias de lamentos”].

Efetivamente, não temos denominador comum que designe os mimos de Sófron e de Xenarco, os diálogos socráticos e quaisquer outras composições imitativas, executadas mediante trímetros jâmbicos ou versos elegíacos ou outros versos que tais. Porém, ajuntando à palavra “poeta” o nome de uma só espécie métrica, aconteceu denominarem-se a uns de “poetas elegíacos” a outros de “poetas épicos”, designando-os assim, não pela imitação praticada, mas unicamente pelo metro usado.

Tradução de Eudoro de Souza

² Em nota Keil, talvez para explicar o dificultoso emprego das formas ἐλέος e ἐλεεία por Diomedes, adverte “O escoliasta em Dionísio da Trácia (p. 750, 20) diz ἐλεγείον ἐστὶ θρήνος ἐπιτάφιος οἰονεὶ ἐλεείον τι ὄν, “elegia é o lamento diante do túmulo como algo a expressar compaixão”.

Notar que identificação de elegia ocorre só pelo metro e não pela matéria. O termo é ἐλεγείοιός, “poetas elegíacos”.

* Tradução de João Angelo Oliva Neto.

Poetas elegíacos arcaicos

Arquíloco de Paros

1
κῆδεα μὲν στονόεντα Περικλεες οὔτε τις ἀστῶν
μεμφόμενος θαλίης τέρψεται οὐδὲ πόλις·
τοίους γὰρ κατὰ κύμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης
ἔκλυσεν, οἰδαλέους δ' ἀμφ' ὀδύνης ἔχομεν
πνεύμονας. ἀλλὰ θεοὶ γὰρ ἀνηκέστοισι κακοῖσιν 5
ὦ φίλ' ἐπὶ κρατερὴν τλημοσύνην ἔθεσαν
φάρμακον. ἄλλοτε ἄλλος ἔχει τόδε· νῦν μὲν ἐς ἡμέας
ἐτράπεθ', αἱματόεν δ' ἔλκος ἀναστένομεν,
ἔξαυτίς δ' ἐτέρους ἐπαμείψεται. ἀλλὰ τάχιστα
τλήτε, γυναικεῖον πένθος ἀπωσάμενοι. 10

1
Ninguém se alegrará nas festas, Péricles,
nem nos há de exprobrar este agro luto.
Perdemos que varões no mar sonoro!
E tímidos de dor os pulmões temos.
Sem cura e eterno é o mal. E por leni-lo
foi que aos mortais, meu caro, os deuses deram
a forte paciência. A má fortuna
ora um, ora outro fere. Cruenta chaga
abriu-nos desta vez. Em outros, doutra.
Ânimo! E seque este feminino pranto.
Tradução de Aluísio de Faria Coimbra

Mimnermo de Cólofon

1
τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπνὸν ἄτερ χρυσεῆς Ἀφροδίτης;
τεθναίνην, ὅτε μοι μηκέτι ταῦτα μέλοι,
κρυπταδίη φιλότης καὶ μείλιχα δῶρα καὶ εὐνή,
οἱ ἥβης ἄνθ<εα> γίνεται ἀρπαλέα
ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν· ἐπεὶ δ' ὀδυνηρὸν ἐπέλθηι 5
γῆρας, ὃ τ' αἰσχρὸν ὁμῶς καὶ κακὸν ἄνδρα τιθεῖ,
αἰεὶ μιν φρένας ἀμφὶ κακαὶ τείρουσι μέριμνα,
οὐδ' αὐγὰς προσορῶν τέρπεται ἡελίου,
ἀλλ' ἐχθρὸς μὲν παισίν, ἀτίμαστος δὲ γυναιξίν·
οὕτως ἀργαλέον γῆρας ἔθηκε θεός. 10

2
ἡμεῖς δ', οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὦρη
ἔαρος, ὅτ' αἰψ' αὐγῆς αὐξεται ἡελίου,
τοῖς ἴκελοι πῆχυιον ἐπὶ χρόνον ἀνθεσιν ἥβης
τερπόμεθα, πρὸς θ<εῶ>ν εἰδότες οὔτε κακὸν
οὔτ' ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασιν μέλαιναι, 5
ἢ μὲν ἔχουσα τέλος γῆρας ἀργαλέου,
ἢ δ' ἐτέρη θανάτοιο· μίνυνθα δὲ γίνεται ἥβης
καρπός, ὅσον τ' ἐπὶ γῆν κίδναται ἡέλιος.
αὐτὰρ ἐπὶν δὴ τοῦτο τέλος παραμείψεται ὦρης,
αὐτίκα δὴ τεθνάναι βέλτιον ἢ βίोटος· 10

1
Que vida, que prazer sem a áurea Cípria?
Que eu morra quando já não me inflamarem
o recatado amor e os meigos gozos
do leito! Os dons sós de Hebe são jucundos
aos homens e às mulheres; pois, mal chega
a ácida senectude e aqueles torna
maus e deformes, sempre crus pesares
torturam-lhes a mente; não os alegra
o sol; mulheres, moços os desamam:
tão lastimosa um deus fez a velhice!

Como as folhas da flórea primavera,
quando aos raios do sol uma hora viçam,
um só fugaz momento a juventude
gozamos, sem que o bem e o mal saibamos
dos deuses. Logo, ao nosso lado, as negras
Queres³ nos trazem, esta, a atroz velhice,
e aquela, a morte. Tanto tempo dura
da mocidade o pomo quanto à vista
da terra brilha o sol. Finda essa quadra,
muito mais que o viver vale o estar morto.
Tradução de Aluísio de Faria Coimbra

³ QUERES: as Moiras, as Parcas latinas.